

## O MEDIEVO PROFANO NAS CANÇÕES GOLIARDAS

Camila Martins de Freitas\*

A historiografia tradicional apresenta na maioria das vezes a Idade Média como época em que as pessoas submetiam suas idéias às verdades incontestáveis da Igreja. Quando ocorriam exceções, de alguém que se posicionasse contrário a estas, o poder espiritual identificava e reprimia. O presente trabalho procura apontar vestígios de uma insubordinação oculta a tais verdades, uma resistência sub-reptícia que nasce nas artérias das próprias instituições religiosas.

Os goliardos se constituíam enquanto clérigos errantes, cantores anônimos de poesias assemelhadas às baladas germânicas antigas, lembrando ainda o acompanhamento musical dos cantadores de viola, os poetas de cordel nordestino. Sendo de origem urbana, camponesa ou até nobre, eram em sua maioria desempregados que recorriam à construção de jograis como forma de sobrevivência. Esses versos os denunciavam:

### “SOU UM CLÉRIGO ANDANTE

- I. Sou um clérigo exilado, nascido para a labuta, sofrendo de vários modos, a pobreza é meu quinhão.
- II. Bem queria me cansar com o estudo das letras, mas a indigência me força a desistir dele.
- III. Este manto meu já é tão roto; muitas vezes sofro de frio, longe de qualquer calor.
- IV. Não posso assistir, até o canto final, ao santo ofício, nem à missa, nem às vésperas.
- V. Estimado Senhor Fulano, já que é tão ilustre, solicito-lhe uma ajuda condigna de sua fama.
- VI. Tenha disposição igual à de São Martinho: cubra de agasalho o corpo de um viajante.
- VII. Possa Deus o acolher em seu reino sem fim, ali deixe-o gozar a recompensa dos bem-aventurados”.<sup>1</sup>

Desta forma, produziam músicas ao gosto dos ouvintes que se dispusessem a pagar sua comida, bebida e dormida. O mercado determinava em sua maioria a produção de peças profanas e leves, em detrimento de produções sérias e eruditas. Observa-se então que apesar da tentativa imposta pela Igreja de calar a carne em favor do espírito, este mercado denunciava o valor conferido aos prazeres carnais, em especial pelos clérigos, visto que a maioria das canções era em latim, língua pouco conhecida pela população.

Muitas vezes os poetas deste meio eram encontrados entre itinerantes desempregados, que se mantinham na universidade por meio destas canções. Tratava-se em sua maioria, de letrados, escolásticos e clássicos. Por incrível que pareça, boa parte da poesia profana medieval foi escrita por clérigos da época, que usavam seu talento para compor canções jocosas, satíricas e até mesmo silenciosas. Assim podemos ver que nem todos os poetas profanos eram marginalizados, pois até mesmo muitos que tornaram-se santos cometeram os seus ‘pecados literários da juventude’. Muitos goliardos eram clérigos que desde o século VIII atuavam no mercado paralelo.

A origem da denominação goliardos não se sabe ao certo. Alguns atribuem o termo como forma de associá-los a Golias, o inimigo de Deus. Outros afirmam que eles se apresentavam como seguidores de um legendário bispo Golias e diziam-se membros de uma ordem religiosa devotada ao hedonismo (doutrina que considera o prazer como objeto supremo da vida). Talvez ainda, o termo derive de gula, a goela para fazer dos seus discípulos fanfarrões ou glutões.

“Na dispersão de seus fragmentos, o poema não será esse espaço vibrante sobre o qual se projeta esse punhado de signos como um ideograma sobre o qual se projeta esse punhado de signos como um ideograma que fosse provedor de significações? Espaço, projeção, ideograma: estas três palavras aludem a uma operação que consiste em desdobrar um lugar, um aqui que receba e sustente uma escritura: fragmentos que reagrupam e procuram constituir uma figura, um núcleo de significados”.<sup>2</sup>

Ao imaginar a poesia dos goliardos como uma configuração de signos sobre um espaço animado, é necessário levar em consideração a época da qual ela emerge. Os clérigos errantes são representantes típicos de um tempo em que o surto demográfico, o despertar do comércio, a construção das cidades fazem dar de si as estruturas feudais, atiram para os caminhos e reúnem nas encruzilhadas, que são as cidades, os marginais, os audaciosos, os infelizes.

Os goliardos são fruto da mobilidade social característica do século XII. Primeiro motivo de escândalo para os espíritos tradicionais, essa fuga às estruturas estabelecidas. A Alta Idade Média esforçara-se por vincular cada qual ao lugar que lhe pertencia, à sua tarefa, à sua ordem, ao seu estado.

Esses indivíduos são evadidos. Evadidos, sem recursos, vão formar nas escolas urbanas esses bandos de estudantes pobres que vivem de expedientes, se fazem criados dos condiscípulos endinheirados, vivem da mendicância, porque como diz Evrard o

Alemão: “*Se Paris é um paraíso para os ricos, é para os pobres um pântano ávido de presa*”<sup>3</sup> e lamenta a fome dos estudantes parisienses pobres.

À medida que se levantavam novas questões espirituais, a Igreja teve que enfrentar um período de tensão e de esforço de fermento de despertar uma consciência de história diferente, no século XII, de qualquer outra até então existente. Um aspecto particular do tempo era que homens e mulheres se sentiam tentados a procurar novos meios através dos quais estas instituições pudessem ser contornadas. “*Os cristãos se tornaram coletivamente cada vez mais conscientes do mundo que os rodeava e procurava racionalizá-los...*”<sup>4</sup>

O pecado deixava de ser apenas uma questão de ações externas como contra ações externas com contra ações de penitencia, mas passava também a ser uma questão de intenção interior. Talvez não seja acidental o fato de esta crise da espiritualidade corresponder aos desenvolvimentos agrários e urbanos no sentido da expansão da Europa, que estavam a verificar-se também em diferentes esferas no decurso do século XII.

A Igreja tornava-se negligente e mundana nas suas atividades. A partir desse momento, foi notada a necessidade de reorganização da instituição. Dessa forma, surgiram as ordens religiosas, como meio de reformular as doutrinas, de modo que não se desvinculasse do catolicismo. Os goliardos foram o contraponto dessa posição, ao radicalizarem e ignorarem ( embora que ocultamente, visto que não se identificavam nos manuscritos) a instituição eclesiástica.

Provavelmente Nietzsche os consideraria o modelo promissor, sujeitos que não submetem suas idéias às estruturas e conceitos pré-estabelecidos: “O pensador: este é agora o ser em que o impulso à verdade e aqueles erros conservadores da vida combatem seu primeiro combate, depois que o impulso à verdade se demonstrou como uma potência conservadora da vida.”<sup>5</sup>

É significativo que a poesia goliarda ataque todos os representantes da Alta Idade Média: o eclesiástico, o nobre e até o camponês. Na Igreja os goliardos escolhem para alvo favorito aqueles que socialmente, politicamente ideologicamente estão mais intimamente ligados á estrutura da sociedade: o papa, o bispo, o monge. Eles censuram as pretensões temporais do papado e a sua hipocrisia:

“A morte já se apoderou dos prelados: não querem mais dar de graça os dons espirituais. Fizeram votos na hora de ingressar (nas ordens)..., mas

depois de se instalarem firmemente, contradizem as sagradas juras. As rosas viram valerianas, a casa de Deus vira covil. São ladrões e não legisladores, são destruidores da lei de Deus. Simão senta-se entre eles, transforma os potentados em réus. Simão prefere os maus aos bons, Simão procura tão somente propinas, Simão reina no austro, Simão invade o claustro. Quando não se lhe dá nada, ele assobia, mas quando se lhe dá, Simão ri...ele presenteia com um diamdema aquele que já foi excomungado”<sup>6</sup>

Depois de ser comprometido com a nobreza, o clero compromete-se agora com os mercadores. Corrobora-se então a idéia de que o apoio espiritual segue os interesses financeiros. Os cancioneiros estigmatizam essa evolução: “A ordem do clero cai no desprezo do leigo, a noiva de Cristo torna-se venal, de senhora passa a mulher pública”.<sup>7</sup>

Fora estes, outros temas bastante correntes das suas poesias são o encontro do homem com a natureza, particularmente a natureza despertando na primavera. O encontro com os dons da natureza, culminando com o dom do vinho na taberna e o encontro com o amor, seja o amor romântico ou erótico. Tem-se também a presença da Roda da Fortuna:

“Com lágrimas nos olhos, choro as feridas da Fortuna; também a mim ela privou de suas benesses. É verdade o que está escrito: ela tem a testa cabeluda. Porém, as mais das vezes, descobre-se que ela é careca.

No trono da Fortuna um dia me sentei ali no alto, coroadado com as mais variadas flores da prosperidade ; por mais que tenha florescido, feliz e bem-aventurado, agora despenquei perdendo a glória.

Gira a roda da Fortuna: eu desço despojado; um outro é elevado às alturas; enaltecido demais, um rei trona no topo- cuidado para não cair! Porque no eixo da roda se lê ( o nome de) “Hécuba, a rainha””<sup>8</sup>

Esta cantata é emoldurada por um símbolo da Antiguidade, conceito de roda da Fortuna trazendo a boa e má sorte. Aqui a temporalidade se distingue da do cristianismo. Enquanto esta última se vale da promessa de um futuro promissor, a roda da Fortuna, que gira e preside a um eterno retorno, ou o acaso cego que confunde os êxitos, nega o progresso e recusa um sentido à História. Podem apelar para uma transformação da sociedade, mas apenas na medida em que isso implica um desinteresse pelas coisas do amanhã.

Tem-se então dois tipos de vida antagônicas: uma representada pelos monges, a vida contemplava, em que valoriza-se o asceticismo, a pobreza e a ignorância como meio de rejeição dos valores carnavais e salvação espiritual fora do mundo, a outra é manifesta pela vida ativa dos goliardos, que procura viver o aqui e agora, freqüentando

as tabernas, se embriagando com vinhos, se entregando a todo o tipo de prazer. Talvez isso tenha sido um dos maiores motivos das duras críticas que recebiam.<sup>9</sup>

Estes cancioneiros medievais foram atirados para as margens do movimento intelectual. Foram eles, sem dúvida que lançaram temas do futuro, representaram de forma muito nítida um meio ávido de se libertar: legaram ao século posterior muitas das idéias sobre moral natural, libertinagem de costumes ou de mentalidade, crítica a sociedade religiosa. O espírito laico e crítico faz do goliardo precursor do humanista do Renascimento. Cinco séculos antes de Lutero e Calvino já preparavam a reforma da Igreja.

Observa-se então que apesar da pretensão de amalgamar a ciência aos preceitos e dogmas da Igreja, através do entesouramento e fechamento da cultura nas suas instituições, não evitou que surgissem contestações. Houve a consciência de alguns em saber discernir aquilo que ao seu ver era considerado proveitoso. A laicização do conhecimento ocorreu primeiro na mente daqueles filhos de uma estrutura espiritual.

O sarcasmo foi uma forte marca na poesia goliarda. O fato é que, comumente, só o sarcasmo tem alguma eficácia para se contrapor, como estado de espírito, às injunções do autoritarismo dos governos, da incompetência dos governantes ou da corrupção administrativa, portanto, ele está relacionado à desilusão ou inconformação com o modelo vigente. Como diz Fico: *“Fazer escárnio que inspira temor é comportamento que muitas vezes serviu como defesa contra as imposições de poder”*<sup>10</sup>

Apesar de no século XIII os goliardos desaparecerem, devido às perseguições e condenações que suas tendências a críticas puramente destrutivas (motivo pelo qual não encontraram lugar no meio universitário) lhe impuseram, é indubitável a contribuição que estes artistas nos legaram. Seus manuscritos nos mostram que vincular-se á instituições (visto que eram clérigos em sua maioria) não compromete necessariamente sua forma de pensar. É possível ser perspicaz, possuir uma maneira própria de analisar os acontecimentos, apesar de uma tendência contrária a isto.

1-WOENSEL, Maurice Van. *Carmina Burana*. Ed Ars Poe. São Paulo: 1984. pag 141

2- PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. Perspectiva. São Paulo, S/D. pág 110

3-LE GOOF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Gradiva. Lisboa, 1984

4-BOTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média*. Edições 70, Lisboa, 1983. pág 20

5-NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pág 39

- 6- WOENSEL, Maurice Van. *Carmina Burana*. Ed Ars Poe. São Paulo: 1984. pág 132, 133.
- 7-LE GOOF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Gradiva. Lisboa, 1984
- 8- WOENSEL, Maurice Van. *Carmina Burana*. Ed Ars Poe. São Paulo: 1984. pag 133.

9- Uma dualização simplista pode pecar ao tentar enquadrar os sujeitos dentro de uma postura ou de outra. É necessário considerar então que a recusa á uma vida de recolha espiritual, não significa a ausência de crença em um Deus superior, mas uma filosofia de vida diversa, que provavelmente entenda Deus fora dos parâmetros institucionais.